



A PRÁXIS AMBIENTAL FREIREANA: ANÁLISE DAS FICHAS DE CULTURA

Resultado de Pesquisa

Ivo Dickmann ¹

Ivan Luís Schwengber ²

Resumo

Este artigo visa fundamentar a Educação Ambiental a partir da pedagogia de Paulo Freire em sua primeira fase (1959-1969). Faremos uma análise das Fichas de Cultura da obra Educação como Prática da Liberdade. A metodologia é uma análise documental, para mostrar que há a possibilidade de pensar Educação Ambiental crítica de Freire.

Palavras-chave: Educação; Crítica; Educação Ambiental.

INTRODUÇÃO

Este texto é a análise e a decomposição de uma ação pedagógica, elaborada pelo autor a partir de sua experiência na EJA, nos Círculos de Cultura no Estado do Rio de Janeiro e de Guanabara. O método que Paulo Freire trabalha na Educação com Prática da Liberdade consiste nas seguintes fases: 1) Levantamento do universo vocabular; 2) Escolha das palavras que obedeceriam a três critérios o da fonética, simplicidade e engajamento contextual; 3) Criação da situação existencial; 4) Confecção de fichas; 5) Decomposição das famílias fonéticas. Feita esta parte inicial, os educandos eram reunidos para os círculos de cultura.

Este texto vai analisar a elaboração desse ensaio curricular de Freire, a partir de sua prática relatada em situações concretas, vendo a possibilidade de produzir uma práxis de Educação Ambiental crítica. Para tanto, faz-se uma breve exposição das fichas de cultura e análise delas.

AS 10 FICHAS DE CULTURA

1ª: “O homem no mundo e com o mundo: Natureza e Cultura”: A ilustração é um homem na natureza, tendo em uma das mãos um livro e na outra uma enxada, sob uma árvore, na frente uma

¹ Mestrando em Educação no PPGE da UNOCHAPECÓ. ivan.s@unochapeco.edu.br

² Prof. Dr. do Mestrado em Educação da Unochapecó. educador.ivo@unochapeco.edu.br

lavoura, ao fundo há um poço, uma casa, uma mulher de costas, levando uma criança pelas mãos, e algumas plantas.

2ª: “Diálogo mediado pela natureza”: Retrata a imagem de uma mulher com um livro nas duas mãos, ao lado de um cesto, dialogando com um homem que expressa dúvida, e, ao fundo, há gado e plantas.

3ª: “Caçador iletrado”: Demonstra um índio com seu arco e flecha, em sinal de ataque, e um pássaro ferido abatido no chão, outro caindo, e um voando livremente.

4ª: “Caçador letrado (cultura letrada)”: Há uma cena de um caçador ao lado de um cão, usando bota e chapéu, com uma espingarda na mão e atirando para cinco pássaros que estão caindo.

5ª: “Caçador gato”: A imagem é um gato com dois ratos abatidos.

6ª: “O homem transforma a matéria da natureza com seu trabalho”: A cena mostra um homem em um menino num trabalho artesanal, fazendo potes de barro.

7ª: “Jarro, produto do trabalho do homem sobre a matéria da natureza”: traz a imagem de um jarro decorado com flores sob uma mesa.

8ª: “Poesia”: A imagem é composta por um livro aberto, em que uma das páginas trazem pessoas amontoadas, que parecem nervosas. Algumas dessas pessoas retratadas na primeira página do livro aberto, usam capacete de exército. Na outra página, há uma poesia com dois versos intitulados de “A bomba”.

9ª: “Padrões de comportamento”: Retrata um gaúcho e um nordestino com um livro na mão, conversando muito próximos, com um cavalo encilhado ao fundo.

10ª: “Círculo de cultura funcionando”: Traz uma síntese das ilustrações anteriores. A cena retrata pessoas sentadas, diante de um mediador, que lhes mostra, em um quadro, a imagem de uma flor sobre a mesa.

ANÁLISE DOS DESENHOS

Inicialmente, há um quadro complexo que parece retratar a vida comum, mostrando-nos a interação humana com a natureza, através de instrumentos e técnicas representado pelo livro.

No segundo caso, há a necessidade de diálogo entre um homem e uma mulher, assinalando para uma relação entre sujeitos, a partir da relação de gêneros, em que a figura feminina parece estar instruindo a masculina.

Já o terceiro quadro, mostra um homem nativo caçando, outro homem vestido à caráter, também, caçando, e, por fim, um gato caçando, demonstrando a forma significativamente diferente entre homens e animais.

A partir do sétimo quadro surge a ação de transformação do barro em jarras, que, por fim, parece desembocar no aspecto estético da cultura.

O oitavo quadro demonstra a brutalidade em forma de poesia (a bomba atômica), apontando para os valores éticos, bem como a capacidade da transformação de comportar a destruição do mundo.

O nono quadro retorna ao aspecto dialógico de diferentes culturas, a partir do chão brasileiro. Neste caso, aponta-se para o diálogo das diferenças culturais, demonstrados na figura do nordestino e do gaúcho, dois extremos culturais de nosso país.

O último quadro é justamente o caminho para o diálogo educacional.

RESULTADOS

As Fichas de Cultura analisadas, dão a possibilidade de pensar uma fundamentação epistêmico-metodológica da Educação Ambiental, na perspectiva freireana do Círculo de Cultura.

No primeiro quadro, em que partimos do contexto em que vivem as pessoas em seu meio, é possível compreender a interação do ser humano com o mundo: usando os instrumentos enxada e livro, tal ação nos remete a práxis humana enquanto ser cultural. A imagem dialógica do quadro dois, em que a mulher assume o protagonismo, demonstra a necessidade de algumas inversões de valores em nossa sociedade patriarcal.

Essas interferências no mundo, começam a ficar evidentes numa comparação entre os homens caçadores, tanto o nativo quanto o colono, utilizando-se da natureza, que, num primeiro momento, poderia ser muito parecido com o gato que caçou seus ratos. Chamamos a atenção que os quadros não possuem um sequencia evolucionista, pois não coloca ao estilo etnocêntrico, pondo o nativo entre animal e civilizado. Pois em termos de caça o nativo tem mais pássaros abatidos do que o colono. Isso significa que não há a noção do ser humano como “bom selvagem”, mas por sua essência o homem interfere na natureza. Porém, o quadro subsequente entra com a questão da cultura como transformadora da realidade em artesanato: a natureza passada pelas “mãos” do ser humano.

Essa transformação do homem leva à sublimidade da arte e da poesia, como nobreza e ação humana por excelência. Um romantismo ingênuo, que é abruptamente rompido com a poesia da Bomba Atômica. O ponto alto e crítico está em compreender que toda cultura pode levar à destruição, e que, por si só, a cultura é carregada de um aspecto ético em relação ao outro, não somente enquanto ser humano, mas enquanto mundo, no outro no sentido amplo do termo.

Para finalizar, aponta-se a necessidade do diálogo com o diferente, retratado por culturas brasileiras diferentes, culminando nos Círculos de Cultura – o lugar da educação como prática da liberdade.

CONSIDERAÇÕES

Da compreensão da práxis pedagógica freireana, a partir da análise das imagens do Círculo de Cultura, pode perceber-se a criticidade do conceito antropológico de cultura como possibilidade de intervenção no mundo e sua conseqüente destruição ou preservação. Demonstrando que um currículo assim apontado alude à dimensão ambiental da educação, pela sua inserção no contexto e da práxis educativa de Freire.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.